

Estereótipos de Gênero e Sexismo Ambivalente em Adolescentes Masculinos de 12 a 16 Anos

Ambivalent Sexism and Gender Stereotyping in Male Adolescents Aged 12 to 16 Years

Marcos Mesquita Filho

Doutor em Saúde Pública. Professor Titular do Curso de Medicina da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS.

Endereço: Rua Mauro Brandão 21, bairro Nova Pousa Alegre, CEP 37550-000, Pousa Alegre, MG, Brasil.

E-mail: mesquita.filho@uol.com.br

Cremilda Eufrásio

Mestre em Bioética. Professora Auxiliar do Curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Vale do Sapucaí, UNIVÁS.

Endereço: Rua Alvarenga Peixoto 43, bairro São José, CEP 37550-000, Pousa Alegre, MG, Brasil.

E-mail: cremildaefrasio@yahoo.com.br

Marcos Antônio Batista

Doutor em Psicologia. Professor Assistente da do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS.

Endereço: Rua Acre 43, bairro Alfredo Custódio de Paula, CEP 37550-000, Pousa Alegre, MG, Brasil.

E-mail: marcosantoniobatista@yahoo.com.br

Resumo

A discriminação e a violência contra o gênero feminino associam-se a representações distorcidas da mulher. Este trabalho tem o objetivo de mensurar a existência de preconceitos nas manifestações dos estereótipos de gênero e sexismo ambivalente, em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. Em um estudo transversal, aplicaram-se três questionários (sociodemográfico, *Gender stereotyping*, *Inventário do Sexismo Ambivalente*) a 787 estudantes de 11 escolas públicas. Nos resultados, detectou-se a presença de estereótipos de gênero. Houve diferença significativa entre alunos de escolas estaduais e municipais e também nos alunos que estudavam em bairros de poder aquisitivo elevado em relação aos demais. O sexismo, também presente, apresentou-se significativamente mais benévolo que hostil. O escore para o componente benévolo variou conforme a escola cursada. O hostil não foi influenciado pelas variáveis estudadas. Os achados corroboram a existência de estereótipos de gênero e sexismo ambivalente nos adolescentes masculinos e a necessidade de desenvolvimento de ações e políticas para sua erradicação.

Palavras-chave: Gênero e saúde; Preconceito; Violência contra a mulher; Causas externas; Determinantes epidemiológicos.

Abstract

Discrimination and violence against the female gender are associated with distorted representation of women. This paper aims at measuring the existence of prejudice in the manifestations of ambivalent sexism and gender stereotypes in male adolescents aged 12 to 16 years. Three questionnaires (socio-demographic, Gender stereotyping, Ambivalent Sexism Inventory) were applied to 787 students of 11 public schools in a cross-sectional study. The results pointed out to the presence of gender stereotypes. There was a significant difference between students of state and city schools and also between those who studied in neighborhoods presenting a higher economic status in comparison to the others. Sexism presented itself significantly more benevolent than hostile. The score to the benevolent component varied according to the attended school, while the hostile one was not influenced by the studied variables. These results corroborate the existence of gender stereotypes and ambivalent sexism in male adolescents and the necessity of developing actions and policies to their eradication.

Keywords: Gender and Health; Prejudice; Violence Against Women; External Causes; Epidemiologic Determinants.

Introdução

Preconceitos relacionados a sexo e gênero são ligados à prática da dominação, discriminação e a comportamentos violentos contra a mulher (Oliveira e Souza, 2006).

Segundo Nascimento (2000), para entender esses fenômenos é importante estudá-los através de abordagens sociais e de gênero. O termo sexo reserva-se às características biológicas predeterminadas do homem e da mulher, enquanto gênero é utilizado para assinalar as características socialmente construídas, que constituem a definição do masculino e do feminino em diferentes culturas (Organización Panamericana de la Salud, 1993). “Aprende-se a ser homem ou mulher e essa aprendizagem fica impressa nas camadas mais profundas da personalidade” (Stain, 2000, p. 1). De acordo com Grossi (1996, p. 133-145), “Ao destinar para a mulher um papel submisso e passivo, a sociedade cria espaço para a dominação masculina, onde o processo de mutilação feminina é lento, gradual e considerado legítimo”. “Nesse processo, a violência constitui-se em um dos mecanismos de dominação do homem sobre a mulher, legitimado por instituições como a família e o casamento” (Galvão e Andrade, 2004, p. 91). Visões estereotipadas e sexistas a respeito da mulher irão desempenhar importante papel na ocorrência de atitudes de abuso e violência (Fuentes e col., 2008).

O preconceito pode ser visto como uma atitude negativa (antipatia, hostilidade), dirigida a membros de determinados grupos sociais e tem três componentes: o cognitivo, manifestado pela presença dos estereótipos; o afetivo, que é o preconceito em si; e o comportamental, que traz como resultados atos discriminatórios (Fiske, 1998).

Etimologicamente, o termo estereótipo vem das palavras gregas *stereo* (rígido) e *tipo* (traço), e refere-se a “tornar fixo, inalterável” (Ferreira, 2000). Conceitua-se: “estereótipo como um processo de formação de impressão, que constitui um conjunto de avaliações afetivas, morais e instrumentais, elaboradas a respeito de uma pessoa. Possui a capacidade de orientar o percebido em suas relações com o meio social” (Bello e col., 2005, p. 8). É uma construção cognitiva ou sociocognitiva [...] a respeito dos

atributos negativos que caracterizam os membros de determinados grupos sociais” (Ferreira, 2004, p. 120). Eles podem “gerar uma relação de opressão onde, a partir do olhar da maioria, o ‘outro’ (minoridade) se apresenta com uma conotação negativa, e a ‘maioria’, uma positiva. As pessoas não podem ser como querem; têm que ser como a maioria [...] ou serão consideradas desviantes, inadaptadas ou marginais. Nessa relação de opressão, os estereótipos surgem e se cristalizam” (Roso e col., 2002, p. 78).

Os estereótipos, quando associados ao gênero, agrupam características da personalidade:

[...] em dois grandes grupos segundo a similaridade do traço com a construção sociocultural dos conceitos de masculinidade e feminilidade. Assim, traços individualistas ou instrumentais (por exemplo: independente, agressivo, racional) caracterizam-se como sendo pertinentes à masculinidade e traços coletivistas ou expressivos (por exemplo: amorosa, sensível, delicada) como pertinentes à feminilidade (Melo e col., 2004, p. 252).

Entre as diferentes possibilidades de expressão do preconceito encontra-se o sexismo, que compreende avaliações negativas e atos discriminatórios dirigidos às mulheres e pode se manifestar sob a forma institucional (políticas salariais diferenciadas) ou interpessoal, muito embora a primeira propicie o contexto cultural adequado à segunda (Ferreira, 2004). Segundo Ferreira (2004), o sexismo seria resquício da cultura patriarcal, isto é, um instrumento utilizado pelo homem para garantir as diferenças de gênero, sendo legitimado por atitudes de desvalorização do sexo feminino que vão se estruturando ao longo do curso do desenvolvimento, apoiadas por instrumentos legais, médicos e sociais que as normatizam.

Formiga e colaboradores (2002) informam que o construto sexismo vai além da definição tradicional de preconceito como antipatia ou hostilidade a membros de certos grupos sociais, por não ser uniformemente negativo. Seria como se esse tipo de preconceito pudesse ser comparado a um *iceberg*, em que a maior parte fica encoberta sendo visível apenas sua ponta (Formiga, 2006). O sexismo, então, em sua porção perceptível costuma se expressar na

forma tradicional, em que a mulher é considerada inferior ao homem, incapaz de exercer os mesmos papéis que ele. Manifesta-se de forma hostil caracterizada por rejeição e “evidencia crenças e práticas típicas de pessoas que consideram as mulheres inferiores aos homens, refletindo antipatia e intolerância em relação ao seu papel como figura de poder e decisão”. “Seria uma expressão mais flagrante de preconceito em relação às mulheres.” (Formiga e col., 2002, p. 106). O sexismo hostil refere-se a atitudes prejudiciais em relação às mulheres, articulando-se em torno das seguintes ideias: 1) um paternalismo dominador, entendendo que as mulheres são mais frágeis e inferiores aos homens, legitimando a figura dominante masculina; 2) a diferenciação de gênero competitiva, ou seja, considerar que as mulheres são diferentes dos homens e que não possuem as características necessárias para triunfar no âmbito público, pelo que devem permanecer na área privada (para a qual estão preparadas); 3) a hostilidade heterossexual ou considerar que as mulheres têm um “poder sexual” que as tornam perigosas e manipuladoras dos homens (Glick e Fiske, 1996).

A parcela encoberta do *iceberg* é representada por sua expressão *moderna*, que se baseia na “negação de que a discriminação contra a mulher ainda exista e em um antagonismo contra as atuais lutas da mulher por maior inserção na sociedade e contra o suporte governamental a políticas destinadas a apoiar a população feminina” (Ferreira, 2004, p. 121). Ela se expressa de maneira benévola apresentando-se como “atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, evidenciando o sentido paternalista que a descreve como pessoa frágil, que necessita atenção, mas que também pode complementar o homem” (Formiga e col., 2002, p. 106). Os principais aspectos do sexismo benévolo são: 1) o paternalismo protetor; 2) a diferenciação de gênero complementar, ou seja, considerar que as mulheres têm por natureza muitas características positivas que complementam as dos homens; 3) a intimidade heterossexual, caracterizada por considerar a dupla dependência dos homens em relação às mulheres (dependem delas para criar seus filhos(as) e para satisfazer suas necessidades sexuais e reprodutivas) (Glick e Fiske, 1996). O sexismo benévolo é perigoso por sua sutileza, pois se os sexistas hostis

são facilmente identificáveis, os benévolos não o são e nunca se reconhecem como tal, legitimando suas atitudes estereotipadas e preconceituosas (Formiga e col., 2002).

Aspectos socioculturais que definem papéis desiguais para homens e mulheres determinam a violência contra as mulheres (Gomes e col., 2007). Homens são, desde a infância, incentivados a desenvolver atitudes competitivas, agressivas e demonstrar poder pela força física, que é usada como recurso para manter as mulheres “em seu lugar” de inferioridade e submissão (Vilhena, 2009).

Na medida em que o menino é educado de modo diferente da menina, muitas distinções são feitas pelos próprios pais, definindo suas condutas de acordo com o gênero (Ricotta, 1999). Esta “assimetria justifica desigualdades e exclusões e gera polos de opressores e oprimidos, que se manifestam com maior visibilidade nas relações de gênero no espaço privado através do fenômeno universal da violência, que atinge de forma particular mulheres de diferentes partes do mundo e perpassa etnias, raças e classes sociais” (Fischer e Marques, 2001).

A mensuração de estereótipos de gênero e do sexismo ambivalente em adolescentes masculinos entre 12 e 16 anos é o objetivo deste trabalho.

Métodos

Foi realizado um estudo analítico do tipo transversal, observacional e individual, durante o ano de 2006.

A pesquisa abrangeu 11 escolas públicas situadas na zona urbana do município de Pouso Alegre, Minas Gerais, quatro municipais e sete estaduais. Todos os educandários públicos do município foram convidados a participar.

O grupo estudado se compôs de 787 estudantes, entre 12 a 16 anos de idade, do gênero masculino, sem restrições quanto à etnia e a fatores socioeconômicos, devidamente autorizados pelos responsáveis. Esses jovens cursavam do sexto ao nono anos do ensino fundamental e o primeiro ou segundo ano do ensino médio. A população de Pouso Alegre nessa faixa etária correspondia em 2006 a 11.491 pessoas. A partir de convite feito a todos os alunos elegíveis para a participação, foi selecionada uma amostra

não probabilística e não intencional a partir da autorização dada pelos pais ou responsáveis.

Foram aplicados três questionários. O primeiro, Gender Stereotyping, instrumento de domínio público criado por Gunter e Wober (1982), validado por Foshee e Ballmann (1992), com versão brasileira desenvolvida por Eufrásio (2007), para mensurar estereótipos de gênero no contexto de relações e responsabilidades em rapazes entre 12 a 16 anos. É composto de sete itens fechados, com quatro opções de respostas, que recebem pontuações diferentes quando selecionadas: Concordo totalmente (quatro pontos); Concordo (três pontos); Discordo (dois pontos); Discordo totalmente (um ponto). A questão de número sete é a única que tem a contagem de pontos feita de forma invertida. Quanto mais alta for a pontuação final, maior o indicativo de atitude estereotipada (Foshee e Bauman, 1992). O maior escore possível é de 28 pontos.

O segundo instrumento foi o Inventário de Sexismo Ambivalente, desenvolvido originalmente por Glick e Fiske (1996), adaptado e validado para o Brasil por Formiga e colaboradores (2002). Composto de 22 itens, avalia preconceitos assumidos em duas dimensões do sexismo: hostil (11 questões) e benévolo (11 questões). Para respondê-lo, a pessoa deve indicar seu grau de discordância ou de concordância com o conteúdo expresso, utilizando uma escala de cinco pontos, tipo Likert, com os seguintes tópicos: 1 = Discordo totalmente; 2 = Discordo; 3 = Indeciso; 4 = Concordo e 5 = Concordo totalmente. Os itens são afirmativas positivas e sexistas. Quanto maior a pontuação obtida maior o nível de sexismo (Belo e col., 2005). A pontuação mais alta possível é 55 pontos por domínio. O uso do questionário foi devidamente autorizado pelo autor de sua versão brasileira.

Os estudantes também preencheram um protocolo para caracterização sociodemográfica (escola, ano, idade e com quem vive).

Os dados foram coletados diretamente nas escolas. O pesquisador se apresentava aos adolescentes, reunidos por professores, em sala de aula, em um mesmo momento para os alunos de um mesmo ano, informava os objetivos da pesquisa, distribuía o protocolo sociodemográfico e o questionário Gender Stereotyping, que tinham seus itens lidos. No caso de dúvidas, procedia-se a uma nova leitura. O entrevis-

tador não apresentava explicações sobre o conteúdo das perguntas para não influenciar os respondentes. Esses instrumentos eram então respondidos. Em seguida, idênticos procedimentos eram repetidos para o Inventário do Sexismo Ambivalente. Buscou-se a uniformidade no que se refere aos esclarecimentos dados aos jovens quanto ao objetivo do estudo, agiu-se de maneira padronizada nas instruções, no material utilizado, na adequação do ambiente físico, sendo observadas a não interrupção e a individualidade nas respostas.

Os formulários obtidos foram, então, consolidados com a construção de banco de dados através do programa EPI-INFO 6.04c, de domínio público.

As estatísticas descritivas, para variáveis contínuas, foram obtidas através do cálculo da média, mediana e desvio padrão, já para as categóricas foram utilizadas proporções. Na análise inferencial foram usados os testes t, de Mann-Whitney, de Kruskal-Wallis, e análise de variância (ANOVA). Para se verificar a aderência à normalidade aplicou-se o teste de Kolmogorov-Smirnov. Considerou-se estatisticamente significativo $p < 0,05$.

Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Sapucaí (Univás) em outubro de 2005 e seguiu os preceitos contidos na resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (1996).

Resultados

Os adolescentes tinham em média 13,8 anos (IC 95% 13,7-13,9) e a mediana de 14,0. Excetuando a idade dos 16,0 anos que correspondeu a 11,7% dos respondentes, a participação das outras idades foi semelhante (Tabela 1).

Eram 72,2% os que residiam com ambos os pais, 3,7% viviam com outras pessoas. A maioria dos alunos frequentava o curso fundamental (78,7%). Os jovens que estudavam em escolas estaduais perfaziam 73,7%. Eram cinco os estabelecimentos que se situavam em bairros periféricos, de população mais pobre (347 alunos), quatro na região central da cidade, de maior proporção de moradores de classe média (316 alunos) e duas em bairros habitados por pessoas de alto poder aquisitivo (124 alunos) (Tabela 1).

Tabela 1 - Proporção de adolescentes por idade, pessoa(s) com quem vive o adolescente, etapa educacional, tipo de escola, escola onde estuda e poder aquisitivo do bairro onde se localiza a escola em Pouso Alegre, MG, 2006

Variáveis	n	%
Idade		
12	160	20,3
13	178	22,6
14	183	23,3
15	174	22,1
16	92	11,7
Com quem vive		
Com os pais	568	72,2
Com a mãe	158	20,1
Com o pai	32	4,1
Com outros	29	3,7
Etapa Educacional		
Fundamental	619	78,7
Médio	168	21,3
Tipo de Escola		
Municipal	206	26,2
Estadual	581	73,8
Escola		
1	30	3,8
2	50	6,4
3	77	9,8
4	54	6,9
5	99	12,6
6	120	15,2
7	89	11,3
8	74	9,4
9	74	9,4
10	28	3,6
11	92	11,7
Localização da Escola: poder aquisitivo do bairro		
Alto	124	15,8
Médio	316	40,2
Baixo	347	44,1
Total	787	100,0

O questionário Gender Stereotyping (Tabela 2) apresentou como média geral um escore de 16,25 pontos (IC 95% 16,07-16,44) num máximo possível de 28,00, ou seja, 58,0% do número possível de pontos. A mediana foi de 16,00. Cada pergunta poderia obter o escore máximo de 4,00 e o mínimo 0,00. O valor médio obtido por questão foi de 2,32, com um desvio padrão de 0,73. Os escores mais elevados ocorreram por concordância aos seguintes conteúdos: *A maioria das mulheres gosta de exibir seus corpos* - escore médio 3,03 e mediana de 3,00 e *A maioria das mulheres gosta de casos românticos com homens* escore médio de 3,09 e mediana de

3,00. Foi baixo o valor atribuído à sexta questão *Às vezes está certo um homem bater em sua mulher* de 1,61, o que indica discordância. O menor escore foi para a questão *Homens e mulheres deveriam ter igual responsabilidade pela criação de filhos* com um escore de 1,39.

As variáveis faixa etária, pessoa com quem vive o adolescente, etapa do ensino cursada e escola frequentada não apresentaram diferenças estatisticamente significantes quanto ao estereótipo de gênero (Tabela 3). O escore médio das escolas municipais (16,60) foi significativamente mais elevado ($p = 0,025$) do que o das escolas estaduais ($m = 16,13$).

Tabela 2 - Escore médio, intervalo de confiança de 95% (IC 95%) e mediana resultantes da aplicação do questionário Gender stereotyping em adolescentes de Pouso Alegre, MG, 2006

Questão	Média	IC 95%	Mediana
A maioria das mulheres gosta de ser maltratada por homens?	1,69	1,63-1,74	2,00
A maioria das mulheres gosta de exibir seus corpos?	3,03	2,98-3,09	3,00
A maioria dos homens quer sair com mulheres apenas para fazer sexo?	2,83	2,77-2,89	3,00
A maioria das mulheres gosta de casos românticos com homens?	3,09	3,04-3,14	3,00
A maioria das mulheres depende dos homens para se livrarem de encrencas?	2,62	2,56- 2,68	3,00
Às vezes está certo um homem bater em sua mulher?	1,61	1,55-1,66	1,00
Homens e mulheres deveriam ter igual responsabilidade pela criação de filhos?	1,39	1,35- 1,43	1,00
Total	16,25	16,07-16,44	16,00

As escolas situadas em bairros onde os moradores apresentavam poder aquisitivo mais elevado tiveram em média um escore (16,58), maior do que o das situadas nos de classe média (16,01) e do que o daquelas que se localizavam em locais onde predominavam populações mais pobres (16,36). Essas diferenças foram estatisticamente significantes ($p = 0,046$).

A Tabela 4 mostra que o escore médio para o sexismo benévolo (39,86) foi significativamente maior do que o do sexismo hostil (38,20) com $p < 0,0001$. Tendo em vista que o maior número possível de pontos era de 55,00, o componente benévolo atingiu 72,5% da pontuação máxima, e o hostil 69,5%.

Ao se estudar isoladamente o sexismo benévolo (Tabela 4), pôde-se verificar que em relação à idade, aos indivíduos com quem vive o pesquisado, à etapa

educacional em que se encontram, ao tipo de escola onde estudam (municipal ou estadual) ou ao local de localização do estabelecimento de ensino não foram observadas diferenças estatisticamente significantes entre os escores. Estes se diferenciaram conforme a escola em que os adolescentes estavam matriculados. Os que cursavam as escolas de número 2, 3, 5, 6, 8 e 11 tiveram escores com médias superiores a 40,00. As representadas pelos números 1, 4, 7 e 9 ficaram entre 38,07 e 39,45. A de número 10 apresentou o menor escore (35,82). Essas diferenças foram significantes ($p = 0,0012$). Escolas municipais são representadas na Tabela 4 pelos números 2, 4, 8 e 10 e as estaduais pelos números 1, 3, 5, 6, 7, 9 e 11.

Nenhuma das variáveis estudadas apresentou resultados com diferenças estatisticamente significantes em relação ao sexismo hostil (Tabela 4).

Tabela 3 - Escores médios, desvios padrão e medianas de estereótipos de gênero de acordo com a faixa etária, pessoa(s) com quem vive o adolescente, etapa educacional, tipo de escola, escola onde estuda e poder aquisitivo do bairro onde se localiza a escola

	Estereótipos de Gênero					
	Número de alunos	Média	Desvio padrão	Mediana	Estatística	p
Gender stereotyping	787	16,25	2,59	16,00		
Faixa Etária						
11-13	338	16,16	2,44	16,00		
14-16	449	16,32	2,69	16,00	t = -0,89*	0,38
Com quem vive						
Com os pais	568	16,16	2,56	16,00		
Com a mãe	158	16,43	2,59	16,00		
Com o pai	32	16,40	3,17	16,00		
Com outros	29	17,00	2,42	17,00	F = 1,34**	0,26
Etapa Educacional						
Fundamental	619	16,31	2,50	16,00		
Médio	168	16,03	2,89	16,00	Z = -1,19***	0,23
Tipo de Escola						
Municipal	206	16,60	2,48	17,00		
Estadual	581	16,13	2,62	16,00	t = 2,25*	0,025
Escola						
1	30	16,03	2,54	16,50		
2	50	17,20	2,47	17,50		
3	77	15,57	2,77	15,00		
4	54	16,41	2,28	16,00		
5	99	16,24	2,50	16,00		
6	120	16,35	2,67	16,00		
7	89	15,92	2,37	16,00		
8	74	16,35	2,76	16,00		
9	74	16,16	2,97	16,00		
10	28	16,57	1,99	17,00		
11	92	16,40	2,49	16,00	F = 1,51**	0,13
Localização da Escola: poder aquisitivo do bairro						
Alto	124	16,58	2,81	16,50		
Médio	316	16,01	2,61	16,00		
Baixo	347	16,36	2,47	16,00	H = 6,19****	0,046

*Teste t; **ANOVA, ***teste de Mann-Whitney, ****teste de Kruskal-Wallis

Tabela 4 - Escores médios, desvios padrão e medianas do sexismo ambivalente, benévolo e hostil, de acordo com a faixa etária, pessoa(s) com quem vive o adolescente, etapa educacional, tipo de escola, escola onde estuda e poder aquisitivo do bairro onde se localiza a escola

	Número de alunos	Sexismo Ambivalente			Estatística	p
		Média	Desvio padrão	Mediana		
SEXISMO						
Benévolo	787	39,86	5,84	40,00		
Hostil	787	38,20	6,18	38,00	t = 5,48*	p < 0,0001
		Sexismo Benévolo				
	Número de alunos	Média	Desvio padrão	Mediana	Estatística	p
Faixa Etária						
11-13	338	39,73	5,80	40,00		
14-16	449	39,97	5,87	40,00	t = 0,58*	0,57
Com quem vive						
Com os pais	568	40,00	5,79	40,00		
Com a mãe	158	39,42	5,92	40,00		
Com o pai	32	39,72	5,92	39,00		
Com outros	29	39,66	6,41	39,00	F = 0,43**	0,73
Etapa Educacional						
Fundamental	619	39,72	5,83	40,00		
Médio	168	40,39	5,83	41,00	t = 1,33*	0,18
Tipo de Escola						
Municipal	206	39,60	6,07	40,00		
Estadual	581	40,00	5,75	40,00	t = 0,76*	0,45
Escola						
1	30	38,07	5,30	38,50		
2	50	40,64	7,02	42,00		
3	77	41,22	5,42	42,00		
4	54	39,30	5,38	39,00		
5	99	40,39	5,09	41,00		
6	120	40,28	5,19	40,00		
7	89	39,45	5,89	40,00		
8	74	40,54	5,46	41,50		
9	74	38,58	6,93	39,00		
10	28	35,82	5,76	34,00		
11	92	40,22	6,12	40,50		
Total	787	39,86	5,84	40,00	F = 2,93**	0,001
Localização da Escola: poder aquisitivo do bairro						
Alto	124	39,41	7,01	40,00		
Médio	316	40,07	5,51	40,00		
Baixo	347	39,84	5,66	40,00	H=0,61***	0,73

(continua)

Tabela 4 - Escores médios, desvios padrão e medianas do sexismo ambivalente, benévolo e hostil, de acordo com a faixa etária, pessoa(s) com quem vive o adolescente, etapa educacional, tipo de escola, escola onde estuda e poder aquisitivo do bairro onde se localiza a escola (continuação)

	Número de alunos	Sexismo Hostil			Estatística	p
		Média	Desvio padrão	Mediana		
Faixa Etária						
11-13	338	38,04	6,11	38,00		
14-16	449	38,32	6,24	38,00	t = 0,62*	0,53
Com quem vive						
Com os pais	568	38,20	6,34	38,00		
Com a mãe	158	37,87	5,95	38,00		
Com o pai	32	39,28	5,47	39,00		
Com outros	29	39,93	5,00	39,00	F = 0,61**	0,25
Etapa Educacional						
E. Fundamental	619	38,09	6,22	38,00		
E. Médio	168	38,61	6,04	39,00	t = 0,97*	0,33
Tipo de Escola						
Municipal	206	37,82	6,38	38,00		
Estadual	581	38,34	6,11	38,00	t = 1,04*	0,30
Escola						
1	30	40,13	7,03	40,00		
2	50	38,14	6,24	38,00		
3	77	37,13	6,18	37,00		
4	54	36,78	6,08	36,00		
5	99	37,04	5,26	37,00		
6	120	38,33	5,76	39,00		
7	89	38,90	6,25	39,00		
8	74	38,64	6,32	38,00		
9	74	38,93	6,57	38,00		
10	28	37,07	7,27	36,00		
11	92	39,15	6,25	39,00		
Total	787	38,20	6,18	38,00	F = 1,75**	0,066
Localização da Escola: poder aquisitivo do bairro						
Alto	124	38,61	6,43	38,00		
Médio	316	38,37	6,16	38,50		
Baixo	347	37,90	6,11	37,00	H=2,32***	0,31

*Teste t; **ANOVA; *** teste de Kruskal-Wallis

Discussão

Os estereótipos de gênero estão associados à discriminação e à violência e são usuais em adolescentes masculinos (Foshee e col., 2008). Todos os entrevistados estavam matriculados em escolas públicas municipais e estaduais situadas em bairros onde habitavam indivíduos dos mais diversos extratos socioeconômicos. O número de alunos que compuseram a amostra foi equilibrado para todas as idades (por volta de 20% por faixa etária) exceto para os que tinham 16 anos (11,7%). A maioria dos estudantes vivia com pai e mãe. Em um estudo norte-americano observou-se que esse é um fator associado em menor grau à prática de violências do que viver com apenas um dos pais (Foshee e col., 2008).

O escore médio do questionário Gender stereotyping correspondeu a mais da metade dos pontos possíveis de serem obtidos para esse escore. Esse achado indica a possibilidade da existência do estereótipo de gênero entre os jovens respondentes. Estudo feito com adolescentes norte-americanos de 12 a 14 anos, de todas as etnias, encontrou, nos anos de 1985 e 1987, escores mais elevados do que os da amostra estudada neste trabalho (Foshee e Bauman, 1992). Entretanto, o período transcorrido entre a aplicação dos questionários destes estudos (21 e 19 anos, respectivamente) pode ter influenciado a ocorrência de maiores médias na pesquisa mais antiga. Mas a diferença obtida é pequena, já que o escore médio por questão foi neste trabalho de 2,32 e no estudo citado 2,60 em 1985 e de 2,51 em 1987.

Os escores do Gender Stereotyping eram mais altos, ou seja, indicavam posições estereotipadas, em itens que focalizavam fragilidade, dependência, romantismo e vaidade das mulheres (Tabela 2: questões 2, 4 e 5). Nos relacionados à prática de hostilidades contra a mulher, ao machismo e, à agressividade física (questões 1, 3 e 6) foram obtidos valores mais baixos. Na afirmativa relacionada ao compartilhamento de responsabilidades na criação de filhos (questão 7), foi observado um escore baixo, indicando que os adolescentes acreditavam que esse comprometimento deveria ser exclusivamente assumido pela mulher. Esses resultados diferiram dos de Foshee e Bauman (1992), que encontraram escores mais elevados nos itens correspondentes a

conteúdos de hostilidades contra a mulher. Os resultados para este questionário foram semelhantes aos de Mota (1998, p. 151, 153), em que os pesquisados assumiram “valores que ora denotavam críticas ao estereótipo do gênero, ora assumiam aspectos desse estereótipo”. Segundo este autor, “a cultura do machismo se faz presente e organiza ideologicamente os relacionamentos sob a ótica masculina”.

A Tabela 3 mostra que não houve diferenças estatisticamente significantes para estereótipo de gênero de acordo com as seguintes variáveis: idade; tipo de pessoas com quem o estudante vivia; ser aluno do ensino fundamental ou médio ou ainda a escola que cursava.

Ainda em relação ao questionário Gender stereotyping, o escore médio apresentado pelas escolas estaduais foi significativamente superior ao das municipais. Isso pode estar ocorrendo por possíveis diferenças entre as políticas educacionais das duas esferas de governo e entre os conteúdos ministrados por uma e outra. Outro fator que também pode exercer influência é a possibilidade de existirem posturas distintas dos profissionais de ensino dos dois grupos de estabelecimentos.

As escolas que se localizavam em bairros de alto poder aquisitivo também apresentaram escores mais elevados do que as de baixo e médio, respectivamente. Como as escolas pesquisadas costumam selecionar seus alunos por local de residência, o poder aquisitivo dos estudantes provavelmente reflete a situação socioeconômica do bairro onde estudam. Assim sendo, é possível que o resultado encontrado indique que os estudantes de escolas de bairros mais abastados sejam mais estereotipados que os demais. Entretanto esses resultados devem ser cuidadosamente analisados, pois o Gender stereotyping apresenta limitada precisão (Dahlberg e col., 1998), sendo útil para fins de triagem (Eufrásio, 2007).

Ao se analisar os resultados da aplicação do Inventário do Sexismo Ambivalente encontraram-se diferenças significantes entre os escores médios de seus componentes benévolo e hostil (benévolo = 39,86; hostil = 38,20, em 55,00 pontos possíveis; $p < 0,0001$). A “pessoa tanto discrimina a partir de uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, quanto pela expressão direta do preconceito feminino” (Formiga, 2007, p. 389).

O sexismo benévolo, forma sutil de manifestar o preconceito contra a mulher, reveste-se de importância pelas consequências que pode gerar tanto em discriminação como em violências (Formiga e col., 2002). Entretanto, apesar de estatisticamente diferentes, sua diferença se resume em apenas 1,76 pontos. Esses resultados foram semelhantes aos de Belo e colaboradores (2005) para homens entre 18 e 72 anos, como também aos de Fernandez e Castro (2003) para estudantes de escolas de educação secundária da Espanha. Já Formiga e colaboradores (2002), estudando universitários masculinos da Paraíba entre 20 e 56 anos, encontraram escores menores tanto para o sexismo hostil quanto para o benévolo, o que possivelmente está relacionado à maior escolaridade de sua amostra. O estudo de Belo e colaboradores (2005) mostrou que populações com menor tempo de estudos são mais sexistas.

Variáveis como idade, o fato de viver ou não com os pais, cursar o ensino fundamental ou médio, ser aluno de escola estadual ou municipal não influenciaram aos escores do sexismo benévolo de maneira significativa (Tabela 4). Diferenças ocorreram apenas na comparação dos resultados por escola ($p = 0,001$). Os valores variaram entre 35,82 (escola 10) até 40,64 (escola 2). A escola 2 situa-se em bairro habitado por pessoas de alto poder aquisitivo. Já a escola 10 localiza-se distante aproximadamente cinco quilômetros da escola dois, com população composta de indivíduos de classe média baixa, incluindo alguns alunos residentes em regiões rurais próximas. O escore médio obtido por esse estabelecimento foi o que mais diferiu dos demais. Nos outros casos, de modo geral, escolas de bairros pobres tiveram escores para o sexismo benévolo semelhantes aos daquelas de localidades habitadas pela classe média ou das dos locais de população mais abastada (Tabela 4). Características locais dos educandários, ou mesmo erro aleatório, podem ter causado a diferença. Assim como nos estereótipos de gênero, os valores dos escores observados em todas as variáveis indicaram a existência de sexismo benévolo, distribuído uniformemente entre os estudantes pesquisados apenas com pequenas variações em relação às suas escolas.

Os escores para o sexismo hostil não foram influenciados de maneira significativa para nenhuma

das sete variáveis sociodemográficas estudadas. Possivelmente elas não influem na gênese do preconceito e do estereótipo dos adolescentes para com as mulheres. Os escores médios obtidos nesta categoria, para todas as variáveis pesquisadas, variaram entre 36,7 e 41,1 pontos (valor máximo 55,0), indicando também a existência do sexismo hostil nesses jovens.

Ao se considerar conjuntamente os instrumentos Genter stereotyping e Inventário do Sexismo Ambivalente, houve proporcionalmente a maior pontuação do Sexismo Benévolo (72,5% dos pontos possíveis), vindo em seguida, respectivamente, Sexismo Hostil (69,5%) e Estereótipo de Gênero (58,0%). Essa situação aponta a possibilidade de que os componentes do preconceito sexista contra as mulheres possam ter maior presença do que o estereótipo de gênero nesses jovens. Os resultados também indicam que o preconceito contra a mulher provavelmente se instala precocemente.

Apesar de os estudantes cursarem anos diferentes do ensino fundamental e médio, não foi encontrada diferença estatisticamente significativa quanto aos escores de estereótipos de gênero ou do sexismo em suas duas modalidades, o que diferiu dos trabalhos de Fernández e Castro (2003) e de Belo e colaboradores (2005), que mostraram que quanto maior a escolaridade menor o nível de sexismo.

Os resultados apontaram a persistência de visões estereotipadas e sexistas contra as mulheres, tanto através da hostilidade quanto da benevolência. São variáveis que geralmente se associam à dominação, discriminação, aos preconceitos e à violência, através de agressões físicas e psicológicas contra a mulher, bem como à manutenção de quadro de opressão do gênero feminino.

Considerações Finais

É importante dar visibilidade à violência contra as mulheres e combatê-la mediante intervenções sociais, psicológicas e jurídicas (Santos e Izumino, 2005). Para entender a violência contra a mulher, é importante trabalhar com o conceito da relação social de gênero. Relações entre os gêneros não podem estar apoiadas na subordinação da mulher pelo homem sendo mediadas pela presença da violência

(Nascimento, 2000). É necessária uma nova conjuntura, composta de outra sociabilidade. Nela, todos devem ter acesso aos bens e serviços produzidos socialmente. Educação igual para meninos e meninas, possibilitando a formação de comportamentos semelhantes nas relações de gênero, é imprescindível. A educação seja a informal doméstica, seja a instrução escolar, constitui-se numa das bases da exclusão e da violência contra o feminino, disseminada por toda a sociedade. É a partir de detalhes sutis como os brinquedos infantis, a exemplo do carrinho, da arma e da boneca, que a criança é preparada para o espaço público, reservado ao masculino e, portanto, o mais violento, e o privado, reservado ao feminino, o da submissão (Fisher, 2001).

Este trabalho indica que estereótipos de gênero e sexismo se inserem na cultura da população adolescente masculina. Entretanto, sua abrangência é ainda maior incorporando também outras idades e mesmo a pessoas do gênero feminino. A realização de novos estudos que abranjam também mulheres, bem como a população infantil, os que estão chegando à adolescência, devem ser agendados, para que a partir das informações obtidas possam ser desenvolvidas políticas públicas e ações para seu equacionamento. É importante identificar em que período da vida os preconceitos e estereótipos começam a se manifestar. A associação com valores vem sendo discutida por alguns autores e parece ser um caminho interessante para a elucidação de questões relacionadas ao sexismo e aos estereótipos de gênero (Belo e col., 2005; Formiga e col., 2002; Formiga, 2007). Variáveis como religião, estado civil e escolaridade dos pais, renda familiar, cor da pele, tabagismo, uso de bebidas alcoólicas e de drogas, antecedentes de violência, entre outros, também devem ser contempladas.

Referências

BELO, R. P. et al. Correlatos valorativos do sexismo ambivalente. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 7-15, jan.-abr. 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução 196 de 10 de outubro de 1996*. Dispõe sobre normas de pesquisa envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/conselho/resol96/res19696.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2011.

DAHLBERG, L. L.; TOAL, S. B.; BEHRENS, C. B. *Measuring violence-related attitudes, beliefs, and behaviors among youths: a compendium of assessment tools*. Atlanta: Centers for Disease Control and Prevention; National Center for Injury Prevention and Control, 1998.

EUFRÁSIO, C. *Tradução, adaptação cultural e validação do questionário Gender Stereotyping*. 2007. Dissertação (Mestrado em Bioética) - Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2007.

FERNÁNDEZ, M. L.; CASTRO, Y. R. Evaluación del sexismo ambivalente en estudiantes gallegos/as. *Acción psicológica*, Logroño, v. 2, n. 2, p. 131-136, 2003.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, M. C. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. *Temas em psicologia da SBP*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 119-126, 2004.

FISCHER, I. R., MARQUES, F. *Gênero e exclusão social*. In: FUNDAJ. Trabalhos para discussão. n. 113, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/113.html>>. Acesso em: 08 abr. 2009.

FISKE, S. T. Stereotyping, prejudice and discrimination. In: GILBERT, D. T.; FISKE, S. T.; LINDZEY, G. (Eds.) *The Handbook of social psychology*. Boston: McGrawHill, 1998, p. 357-411.

FORMIGA, N. S.; GOUVEIA, V. V.; SANTOS, M. N. Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 7, n. 1, p. 103-111, jan.-jun. 2002.

- FORMIGA, N. S. Consistência mensurável do sexismo ambivalente no contexto brasileiro. *Psicologia.com.pt: o portal dos psicólogos*, ago. 2006. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/Ao3o1.pdf>> . Acesso em: 08 mar. 2011.
- FORMIGA, N. S. Valores humanos e sexismo ambivalente. *Revista do Departamento de Psicologia- UFF, Niterói*, v. 19, n. 2, p. 381-396, dez. 2007.
- FOSHEE, V. A.; BAUMAN, K. E. Gender stereotyping and adolescent sexual behavior: a test of temporal order. *Journal of applied social psychology*, Malden, v. 22, n. 20, p. 1561-1579, out. 1992.
- FOSHEE, V. A. et al. What accounts for demographic differences in trajectories of adolescent dating violence? An examination of intrapersonal and contextual mediators. *Journal of Adolescent Health*, New York, v. 42, n. 6, p. 596-604, jun. 2008.
- FUENTES, J. M. D.; LEIVA, P. G.; CASADO, I. C. Violencia contra las mujeres en el ámbito doméstico: consecuencias sobre la salud psicosocial. *Anales de psicología*, Murcia, v. 24 n. 1, p. 115-120, jun. 2008.
- GALVÃO, E. F.; ANDRADE, S. M. Violência contra a mulher: análise de casos atendidos em serviço de atenção à mulher em município do Sul do Brasil. *Saúde e sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 88-99, ago. 2004.
- GLICK, P.; FISKE, S. The ambivalent sexism inventory: differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of personality and social psychology*, Washington DC, v. 70, n. 3, p. 491-521, mar. 1996.
- GOMES, N. P. et al. Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta paulista de enfermagem*, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 504-508, dez. 2007.
- GROSSI, K. Violência contra a mulher: implicações para os profissionais de saúde. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (Orgs.). *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 133-149.
- GUNTER, B.; WOBER, M. Television viewing and perceptions of women's roles on television and in real life. *Current psychological research*, New York, n. 2, n. 4, p. 277-287, out. 1982.
- MELO, G. F.; GIAVONI, A.; TROCCOLI, B. T. Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 20, n. 3, p. 251-256, set.-dez. 2004.
- MOTA, M. P. Gênero e sexualidade: fragmentos de identidade masculina nos tempos da AIDS. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 145-155, jan. 1998.
- NASCIMENTO, L. M. Violência doméstica e sexual contra as mulheres: algumas reflexões sobre uma questão complexa. *Biblioteca Virtual CLACSO*, 2000. Disponível em: <<http://www.clacso.org.ar/>>. Acesso em: 07 abr. 2009.
- OLIVEIRA, D. C.; SOUZA, L. Gênero e violência conjugal: concepções de psicólogos. *Estudos e pesquisa em psicologia*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 34-50, dez. 2006.
- ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD - OPAS. *Genero, mujer y salud en las Américas*. Washington, DC: OPAS, 1993. (Publicación Científica, 541).
- RICOTTA, L. *Quem grita perde a razão: a educação começa em casa e a violência também*. São Paulo: Annablume, 1999.
- ROSO, A. et al. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. *Psicologia & sociedade*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 74-94, dez. 2002.
- SANTOS, C. M. D.; IZUMINO, W. P. Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. *Revista estudios interdisciplinários de America Latina y El Caribe*. Israel, v. 16, n. 1, p. 147-164. 2005.
- STAIN, T. L. M. Gênero feminino no contexto do trabalho fabril: setor eletroeletrônico em Curitiba e região metropolitana na década de 90. 2000. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2000.

VILHENA, V. C. *Pela voz das mulheres: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher - Casa Sofia*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo - Faculdade de Humanidades e Direito, São Paulo, 2009.

Recebido em: 24/03/2010

Reapresentado em: 09/03/2011

Aprovado em: 05/04/2011